

CAPÍTULO V

OS DISCURSOS INFANTIS: UMA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR DE CRIANÇAS NA ENTIDADE SOCIAL “BIBLIOTECA COMUNITÁRIA BEM VIVER”

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/estadodir15>

Henrique dos Santos Barros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

No dia cinco de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, fui convidado para ser professor na entidade social “Biblioteca Comunitária Bem Viver”, localizada no Bairro das Nações, na cidade de Balneário Camboriú, SC. Tratava-se de dar aula para meninos e meninas entre seis e 12 anos de idade no contraturno escolar. A minha tarefa, de segunda a sexta-feira, das 13 às 17 horas, era fortalecer o desempenho escolar, a socialização e a integração de 12 crianças em estado de vulnerabilidade social. Foram seis meses de muitas descobertas e aprendizado sobre o universo infantil. As experiências que tive durante esse período despertaram a minha curiosidade sobre os estudos da infância. Em grande medida, o mundo das crianças, ou seja, a maneira como elas constroem suas percepções e desenvolvem os seus discursos fez com que eu desejasse tirar a “roupa” de adulto para brincar no labirinto da infância. Nesse sentido, para um olhar atento e, sobretudo, para conseguir localizar-me no mapa infantil, foi necessário buscar nas bibliografias dedicadas à temática da infância e das crianças na contemporaneidade, isto é uma fundamentação teórica que contribuísse com o estudo de interpretação das falas das crianças.

Desde as décadas de 1970 e 1980, há um crescimento nas pesquisas sociológicas dedicadas às crianças e às infâncias. A emergência desses estudos parte do esforço das Ciências Humanas e Sociais que, ao perceberem um espaço de conhecimento não visitado, passaram a refletir sobre o lugar das crianças na História, Sociologia, Geografia, Psicologia, Antropologia. Destaca-se, nesses estudos, a contribuição de autores da Sociologia da Infância, que têm como escopo o revisionismo paradigmático a respeito dos modos de se compreender e conceituar as crianças e as infâncias na sociedade contemporânea (JAMES; PROUT, 1990; SARMENTO, 2005; MONTANDON, 2005).

Esse revisionismo paradigmático é orquestrado a partir de duas concepções no campo da Sociologia da Infância: a criança como ator social e a infância como construção social. Na primeira concepção, os sociólogos identificaram as crianças como atores sociais dada a necessidade de compreen-

der o que Manuel Sarmiento (2005) chama de “a crise social da infância” para se referir às transformações socioeconômicas que afetaram profundamente a condição da infância ao final do século XX, em especial, o reconhecimento epistemológico da capacidade de agência infantil no estudo dessa crise.

A segunda concepção considera que a infância deva ser analisada como uma construção social e não apenas um período demarcado pela imaturidade biológica, como argumentam os teóricos construtivistas que defendem a ideia de culturas da infância para enfatizar a sua pluralidade, diversidade e singularidade (JAMES; PROUT, 1990; SARMENTO, 2005; MONTANDON, 2005).

Portanto, tais concepções têm demonstrado que as atuações das crianças em espaços sociais, como o bairro e a escola, devem ser interpretadas distante das lentes adultocêntricas. Dito de outra maneira, para uma atenta compreensão dos discursos de meninos e meninas é necessário, *a priori*, o reconhecimento das culturas infantis como elemento central para os estudos na área da infância (JAMES; PROUT, 1990; SARMENTO, 2004).

Por meio desse “novo olhar” dos estudos da Infância e com a experiência de dar aulas para crianças na “Biblioteca Comunitária Bem Viver”, pôde-se perceber que os meninos e as meninas que frequentavam a entidade social buscavam encontrar espaços entre uma atividade e outra para praticar suas habilidades e seus discursos¹. Foram nessas brechas que as crianças desempenhavam seu papel de ator social; elas enumeravam os problemas do bairro, da escola, da casa; ofereciam soluções para os erros que apontavam; orquestravam planos para resolver as situações cotidianas. Enfim, segundo as crianças, a “Biblioteca Comunitária Bem Viver” era o espaço em que elas conseguiam falar sobre as suas angústias sem a interferência do adulto. Nos termos das crianças, “[...] o adulto é muito legal pena que ele vive se metendo

1 Michel de Certeau (1998) chamará a utilização dessas habilidades de: táticas. O ator não dirá que essas “táticas” são exclusivas das crianças. Para Certeau as “táticas” são mecanismos utilizados por indivíduos que estão em desvantagem perante uma grande “estratégia”. A “estratégia”, para o francês, é a arma do mais forte. As crianças da “Biblioteca Comunitária Bem Viver” utilizam “táticas”, como atrapalhar a aula, diante da grande “estratégia” que o professor havia cobrado com o intuito de mudar as atividades.

e dizendo que as crianças não sabem nada, que elas têm que aprender muito nesta vida²”.

Portanto, o objetivo central definido para este artigo é interpretar as falas das crianças a partir do intercâmbio cultural entre o professor e as crianças, utilizando os caminhos teóricos pavimentados pelos(as) autores(as) da Sociologia da Infância. O estudo tem como plano de fundo uma oficina em que discutimos a temática das migrações de crianças em direção à fronteira do México com os Estados Unidos. Como metodologia para interpretar as falas das crianças utilizei as abordagens propostas por Claire O’Kane (2005). A autora defende que escutar as experiências e os pontos de vista da criança é ensinar uma nova epistemologia para os estudos da infância. O’Kane (2005) argumenta que as pesquisas com crianças, e não sobre crianças, oportunizam meninos e meninas a participarem dos estudos como co-pesquisadores.

Este artigo está orientado pela seguinte estrutura: introdução, duas seções e considerações finais. Na primeira seção, discute-se as contribuições da Sociologia da Infância para os estudos na área da Infância. Na segunda, interpreta-se os discursos de dois alunos, Poseidon (12 anos de idade) e Jesus (8 anos de idade), e de uma aluna, Gisele (9 anos de idade), da “Biblioteca Comunitária Bem Viver”, utilizando a metodologia de pesquisa com crianças e as bibliografias que auxiliam a pensar sobre o papel das crianças nos espaços sociais. Optou-se por usar nomes fictícios para preservar a identidade das crianças. Além disso, foi dada a oportunidade para que elas escolhessem seus nomes de “mentirinha”. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, qualitativo e quantitativo (GOLDENBERG, 2006), embasada nas seguintes categorias de pesquisa: criança como ator social e infância como construção social. Por fim, não foram aplicados questionários com perguntas padrões, buscou-se por meio do diálogo com as crianças uma relação de reciprocidade, e não hierárquica: adulto-criança.

2 No dia nove de março de dois mil e dezoito, enquanto fazíamos a oficina “Como foi a sua semana?”, Poseidon disse-me: *“Professor, eu gosto de conversar contigo porque tu me deixa falar. O adulto é muito legal pena que ele vive se metendo e dizendo que as crianças não sabem nada, que elas têm que aprender muito nesta vida para poder falar com um adulto”*.

O ENCONTRO DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA COM AS CRIANÇAS

Percorrer os caminhos das crianças e das infâncias bem como re-visitare os conceitos construídos de Criança e Infância, é conhecer por meio de outro olhar as contradições e complexidades da sociedade. Dito de outra maneira, mas nos mesmos termos, ao contrário do modo que a criança e infância foram concebidas, os meninos e as meninas não pertencem a uma comunidade isolada das mudanças estruturais, eles e elas “[...] fazem parte do povo e da classe que pertencem.” (BENJAMIN, 2002, p. 94).

Em grande medida, esse foi o olhar dos sociólogos da infância ao deflagrarem que as crises sociais (guerra, migrações, exploração do trabalho, fome, miséria, etc.) também eram as “crises da infância” nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Portanto, para a Sociologia da Infância, fazia-se mister desvelar o papel das crianças a partir de uma ruptura epistemológica da maneira ontológica que criança e infância foram socialmente construídas.

Nesse sentido, o estudo dessa crise social da infância passava, necessariamente, pelo olhar das próprias crianças, inaugurando uma nova maneira de conceituar e problematizar os modos e as falas infantis. Diferente, portanto, do discurso comumente construído pelas abordagens sociológicas tradicionais que alocavam as crianças exclusivamente na esfera privada (família) e as percebiam incapazes de participarem no ambiente público (com exceção do ambiente escolar) por serem consideradas imaturas do ponto de vista biológico e racional. Logo, o estatuto da menoridade e da incapacidade para a agência consolidou uma noção de infância e de criança como um “de- vir”, um ser pré-social.

O surgimento da Sociologia da Infância como campo de estudo parte das inúmeras publicações em revistas científicas, dos diversos debates em congressos europeus bem como das criações de grupos de estudos dedicados a pensar novas maneiras de compreender as crianças e as infâncias³.

3 O trabalho considerado inaugural para esse campo é a obra de Chris Jenks, *The Sociology of Childhood: Essential readings*, publicada de maneira tímida em 1982 e reeditada uma década mais tarde por o autor compreender que a “percepção coletiva da infância durante

O desenvolvimento teórico-empírico da Sociologia da Infância acompanha o movimento do “retorno do ator⁴” nas Ciências Sociais, desenvolvido nas décadas de 1960-1970, tendo como influência o interacionismo simbólico, a etnometodologia e a Escola de Frankfurt. Não obstante, o contexto em que esse campo ganha fôlego está diretamente relacionado às crises sociais da infância no final do século XX, aos avanços nas legislações internacionais acerca dos direitos da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, nas décadas de 1980-1990, e, sobretudo, com as contribuições dos estudos do estruturalismo e do construtivismo social.

Impulsionados pela abertura do espaço nos estudos da infância, os teóricos da Sociologia da Infância, como Prout (2004) e Sarmento (2005), compreendiam a necessidade de revisitar dois conceitos centrais da Sociologia: socialização e geração. O revisionismo desse campo proporcionava problematizar o conceito de infância, a partir da compreensão de infância como uma construção social de tipo geracional, e de criança, por meio do entendimento de que as crianças são atores sociais. Nas palavras de Sarmento (2005, p. 364), isso implica dizer que:

Geração é assumida como uma variável independente, transhistórica, estando prioritariamente ligada aos aspectos demográficos e econômicos da sociedade. A infância é independente das crianças; estas são atores sociais concretos que em cada momento integram a categoria geracional.

aquela década” havia mudado (JENKS [1982?] *apud* CRISTENSEN; JAMES, 2005, p. 58). Outro trabalho que ganha destaque no desenvolvimento do campo é o texto do sociólogo francês Alan Prout, *Reconsiderar a Nova Sociologia da Infância*, que aponta o surgimento das primeiras pesquisas da Sociologia da Infância a partir da influência da Sociologia Interacionista norte-americana ao final da década de 1960, cuja concepção do retorno do ator foi fundamental para o encontro da criança e da infância no discurso e no campo sociológico.

4 Para um olhar mais atento ao movimento do “retorno do ator” e das mudanças paradigmáticas efetuadas nas décadas de 1960 e 1970 acerca do caráter ativo do indivíduo, consultar a obra de Alan Touraine, *O retorno do ator*.

Dessa forma, crianças e infâncias deixaram de ser invisíveis sociologicamente para serem compreendidas “[...] como um grupo com um estatuto social diferenciado e não como uma agregação de seres singulares.” (SARMENTO, 2005, p. 367). A importância desse “novo olhar” sobre a infância e a criança, além de corrigir a miopia adultocêntrica dos estudos das Ciências Sociais, oportuniza crianças a participarem como interlocutoras centrais nos estudos dessas ciências. Além disso, ao compreender que a infância é uma categoria explicativa da sociedade, por se inserir no debate das relações entre as gerações, foi possível pensar que havia diferentes infâncias vividas por diferentes crianças.

De maneira geral, o objetivo dos teóricos da Sociologia da Infância é tornar compreensível que ao direcionar o olhar para as crianças como atores sociais é possível problematizar o mundo infantil por meio das percepções que as crianças construíram, e constroem, ao se integrarem com o povo, a classe e a cultura que vivem. Não tornando, dessa forma, os estudos da infância como o lugar de conhecimento das crianças passivas de socialização e incapazes de sobreviverem às crises sociais, mas, sim, oportunizando as crianças serem coparticipantes das pesquisas das infâncias a partir de suas atuações como atores sociais.

Por fim, os interesses da Sociologia da Infância, bem como as contribuições para os estudos da infância em outras disciplinas, podem ser compreendidos por meio do resumo elaborado por Régine Sirota (2001, p. 11):

1. A criança é uma construção social. A infância é compreendida como uma construção social.
2. As crianças devem ser consideradas como atores em sentido pleno e não simplesmente como seres em devir.
3. As crianças são ao mesmo tempo produtos e atores dos processos sociais. Trata-se de inverter a proposição clássica, não de discutir sobre o que produzem a escola, a família ou o Estado, mas de indagar sobre o que a criança cria na intersecção de suas instâncias de socialização. [...]
4. A infância é uma variável da análise sociológica que se deve considerar em sentido pleno articulando-a às

variáveis clássicas como a classe social, o gênero, ou o pertencimento étnico.

Além disso, uma das correntes da Sociologia da Infância que dialoga com a mudança metodológica nos métodos de investigação dos estudos da infância, é a das culturas da infância do português Manuel Sarmiento (2004). Para o autor, as culturas das crianças representam um conjunto de atividades, rotinas, artefatos, valores e ideias produzidas e partilhadas pelas crianças em consonância com as suas relações de classe, gênero, etnia e condições geracionais. Para o estudioso, as interações das crianças, seja tanto com seus pares quanto com os adultos, devem ser entendidas a partir das culturas infantis. Ou seja, o modo que as crianças concebem o mundo, analisam determinadas situações e tomam decisões, partem da produção cultural construída pelas próprias crianças nas suas mais variadas relações. Portanto, nas palavras de Sarmiento (2004, p. 1),

O processo de reinstitucionalização da infância exprime-se e revela-se nos planos estrutural e simbólico. Deste modo, as culturas da infância são também objeto de pluralização e de diferenciação. No entanto, os traços distintivos das culturas da infância permanecem na sua gramática própria. A análise da morfologia, da sintaxe e da semântica das culturas da infância na 2ª modernidade constituiu um objeto central na compreensão das mudanças estruturais contemporâneas. Conhecer as “nossas” crianças é decisivo para a revelação da sociedade, como um todo, nas suas contradições e complexidades. Mas é também a condição necessária para a construção de políticas integradas a infância, capazes de reforçar e garantir os direitos das crianças e a sua inserção plena na cidadania ativa.

Nesse sentido, compreendendo que as crianças interpretam e constroem as culturas por meio das suas relações no meio privado (família) e público (escola), é interessante pensar como os conceitos Crianças e

Infâncias, da Sociologia da Infância, podem ser palpáveis quando aplicados no dia a dia com crianças em uma sala de aula. O ambiente escolar para as crianças, muitas vezes, é o espaço em que elas promovem o intercâmbio cultural entre os seus pares. Aos olhos de uma criança, um dia na escola pode ser uma semana comparada à do adulto. Isso porque as novidades no mundo infantil são constantes e mutáveis a todo o momento, devido à quantidade de informações que as crianças são capazes de armazenar. Não se trata de um “super-poder” das crianças, mas, sim, características de meninos e meninas que estão conhecendo e construindo o seu mundo.

Essa discussão ficará mais clara na próxima seção, quando serão apresentadas as falas das crianças sobre um tema específico que abordamos em uma oficina. Trata-se de um debate sobre as migrações de crianças latinas em direção à fronteira do México com os Estados Unidos. O objetivo do diálogo é compreender de que maneira as crianças interpretam as migrações com base no conhecimento que elas adquiriram sobre o tema.

OS DISCURSOS INFANTIS INTERPRETADOS À LUZ DAS BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

As crianças que frequentavam a “Biblioteca Comunitária Bem Viver” eram meninos e meninas de 6 a 12 anos de idade, que no período matutino estavam presentes na escola pública e durante à tarde na “Biblioteca Comunitária Bem Viver”. São, na maioria, filhos e filhas de pais que trabalham de maneira integral e não têm condições de deixar seus/suas filhos/as com um adulto responsável. Portanto, a “Biblioteca Comunitária Bem Viver” é um espaço que recebe essas crianças com o intuito de “tirá-las” do convívio com a violência, o tráfico de drogas, as revistas policiais, para “acomodá-las” em um ambiente de aprendizado e interatividade social entre colegas e professores. O meu trabalho como professor voluntário durou seis meses. Nesse período, tive a oportunidade de conhecer e participar da política pública de reforço escolar para as crianças residentes no Bairro das Nações. Um pouco

da minha percepção nesses seis meses, em consonância com os instrumentos teórico da Sociologia da Infância, está descrita nesta seção.

Na “Biblioteca Comunitária Bem Viver”, as crianças chegavam às 13 horas e eram liberadas às 17 horas. Durante o período vespertino a coordenadora e proprietária do espaço que abriga a “Biblioteca Comunitária Bem Viver”, Dona Lias Menacho⁵, organiza um planejamento diário para as crianças. Entre as tarefas está: a correção dos exercícios escolares, o reforço das matérias da escola, a oficina de leitura, de interpretação e produção textual. Além disso, todas as quintas-feiras havia uma oficina temática. O professor escolhia três temas e colocava em votação para as crianças elegerem qual seria o próximo debate.

No dia nove de maio de dois mil e dezoito, as 12, crianças que estavam na “Biblioteca Comunitária Bem Viver” votaram, em maioria, pelo tema das migrações de crianças em direção à fronteira do México com os Estados Unidos. A votação foi acirrada. Havia três propostas: guerra, copa do mundo e migrações. Sete meninos e cinco meninas escolheram que temática gostariam de discutir durante três oficinas. O resultado foi: três meninos (um de 7 e dois de 9 anos de idade) e duas meninas (uma de 6 e outra de 10 anos de idade) votaram na copa do mundo, um menino (de 12 anos de idade) votou na guerra e três meninos (um de 8 anos, outro de 11 e mais um de 7 anos de idade) e três meninas (ambas de 9 anos de idade) votaram nas migrações. “Ganhamos”, gritou Jesus, de 11 anos de idade, “*eu sabia que eu ia ganhar*”, completou.

5 Dona Lias Menacho é moradora do Bairro das Nações da cidade de Balneário Camboriú, SC. Cansada de ver muitas crianças e adolescente se encaminharem para o tráfico de drogas resolveu abrir na sua casa uma biblioteca. Nesse local, Dona Lias, ofertava oficinas de matemática, de português e de literatura para as crianças e adolescentes do bairro. A busca pela “biblioteca” começou a crescer e logo Dona Lias percebeu que deveria buscar outros meios para abrigar as crianças do bairro. Foi então que ela lutou para que a “biblioteca” virasse uma entidade social de utilidade pública. Sua expectativa com a chegada dos recursos públicos era de ampliar o espaço e oferecer mais oportunidades para as crianças do Bairro das Nações. Hoje a “Biblioteca Comunitária Bem Viver” abriga 22 crianças no contraturno escolar e é exemplo de política pública de proteção e atendimento às crianças do Bairro das Nações, na cidade de Balneário Camboriú, SC.

Ainda no dia nove de maio de dois mil e dezoito, começamos a organizar a sala para dar início à oficina. Apresentei alguns dados sobre as migrações de crianças em direção à fronteira do México com os Estados Unidos e algumas das razões pelas quais esses meninos e essas meninas tomam a decisão de migrar. Depois de breve introdução, foi aberta a palavra para as crianças comentarem se elas já haviam escutado algo sobre as migrações. Jesus foi o primeiro a falar.

Professor. Aqui atrás. Um dia eu vi que as crianças migram para fugir da droga. É verdade? Eu também já quis fugir por causa disso. Eu sei como é. Tenho um primo que não conseguiu fugir e já foi preso. Ele vendia droga aqui no bairro. Mas eu não vou fugir. Quero ficar aqui e estudar para cuidar da minha mãe. Tenho medo de viajar sozinho. Gosto dos Estados Unidos, mas vou pra lá só quando for grande.

A minha expectativa ao trabalhar a temática das migrações de crianças era que os meninos e as meninas discorressem sobre o assunto, a partir do que já tivessem visto sobre as migrações. Mas a maneira como Jesus iniciou a conversa fez com que o roteiro da oficina fosse para outro caminho. Ele interpretou as migrações latinas, que traz em seu contexto, em grande medida, a violência e o conflito entre os traficantes e os policiais no bairro, e organizou sua fala a partir das experiências que teve no meio público e, algumas vezes, no privado.

Não há discussão errada quando estamos tratando de um diálogo com crianças. É necessário compreender que são elas as condutoras da conversa. E as suas experiências são embasamentos “teóricos” muito bem fundamentados. Visto de outro ângulo, as respostas das crianças sobre determinado assunto, como foi o caso da oficina temática sobre as migrações, partem do conhecimento adquirido nas relações com os seus pares e adultos. Era nos espaços de discussões, como nas oficinas, sobretudo no brincar, que os sete meninos e as cinco meninas que frequentavam a “Biblioteca

Comunitária Bem Viver” apresentavam suas teses, dissertações e conclusões sobre os mais variados temas.

Para deixar mais claro esse ponto, a maneira como as crianças interpretaram as temáticas, recorro ao modo como Walter Benjamin (2017) desenhou a infância. Nos traços de Benjamin (2017), as crianças percorrem diferentes caminhos no labirinto da infância. Nos termos do autor alemão, meninos e meninas constroem suas próprias linhas para guiarem-se em um mapa que é preenchido a cada nova experiência. Além disso, as linhas do mapa infantil são mutáveis, elas se modificam a cada nova experiência vivida pelas crianças. Por fim, nas palavras de Benjamin (2017, p. 78):

Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdemo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta, é coisa que precisa de se aprender. Os nomes das ruas têm então de àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos, e as pequenas vielas no interior da cidade mostrar-lhe a hora do dia com tanta clareza quanto num vale na montanha. Aprendi tarde essa arte; ela preencheu o sonho cujos primeiros vestígios foram os labirintos nos mata-borrões dos meus cadernos.

Voltando à oficina, Poseidon resolveu responder com as suas palavras o que entendia sobre as migrações.

Professor. Eu tive uma missão secreta um dia. Salvei crianças migrantes. Decidi ver se eles estavam certos e, acredite se quiser, mas eles estavam. Era bem escuro e nojento dentro da tubulação, mas valia a pena resgatar por ali. Eu queria evitar que o Fregley fosse me pegar.

Poseidon sempre tinha alguma missão semanal. *“Eu trabalho para uma agência de investigação ultrassecreta, nem o governo sabe que eu existo”*, disse ele no dia doze de março de dois mil e dezoito. Nas oficinas

e brincadeiras temáticas que fazíamos, Poseidon era o menino que ficava estudando uma maneira de solucionar problemas e interferir nas atividades com os relatos das novas missões de espião. Gostava de ler tudo sobre dinossauros e geografia. Principalmente sobre os solos e as pedras preciosas. Disse-me ele, no dia cinco de abril de dois mil e dezoito: *“Professor. Quero ser paleontólogo”*.

As oficinas despertavam o interesse das crianças devido à liberdade que elas tinham em conduzir as tarefas. Nessas atividades que os meninos e as meninas formavam os seus grupos para disputar as respostas mais “corretas”. O formato dos grupos era modificado a cada atividade, mas os líderes que organizavam a distribuição de quem pertenceria ao grupo A e B eram os mesmos. Havia um respeito entre as crianças quando o líder tomava a palavra. Poseidon e Gisele dominavam as decisões da turma. Gisele escolhia os colegas de acordo com a oficina. Poseidon, por outro lado, chamava os meninos e as meninas que ele tinha maior afinidade.

Nessas atividades, as crianças desempenhavam seu papel de liderança ao organizar os seus grupos e definir suas táticas de resposta e de obstrução quando não entendiam as perguntas. Os grupos infantis são maneiras que as crianças encontram de formar e manifestar suas opiniões. É no âmbito da organização dos grupos infantis que as crianças estabelecem relações de maneira mais íntima e livre entre elas (FLORESTAN, 2004). Isso não significa que as regras são deixadas de lado. Pelo contrário, o líder estabelece o que pode e o que não pode ser feito durante as brincadeiras. Um dos pontos estabelecidos pelas crianças era a entrada de novos membros, que deveriam ser aceitos pelo líder antes mesmo de sentar na “roda”.

A participação do adulto, nesses espaços, só é permitida pelas crianças se ele entender que aquele momento pertence a elas e que o seu papel na brincadeira é de mero espectador. Afinal, brincar, para as crianças, é um assunto sério e deve ser tratado com extrema responsabilidade. Para Manuel Sarmiento (2004, p. 16)

[...] a natureza interativa do brincar das crianças constituiu-se como um dos primeiros elementos fundacionais das culturas da infância. O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção das suas relações sociais.

É em momentos como o brincar que as crianças têm a oportunidade de trocar informações com seus pares sobre o meio privado (família) e o público (rua). Consoante Sarmiento (2004, p. 16), o brincar representa uma atividade de “recriação do mundo” e da “produção das fantasias infantis”. Foi na brincadeira, durante a oficina do dia nove de maio de dois mil e dezoito, que Gisele disse:

Pessoal. Vocês não sabem o que pode acontecer com o mundo caso não pararmos de tomar banho? Um dia vi na televisão que a água vai acabar e que o Sol vai descer na terra para queimar tudo. Estão chamando de aquecimento global. Se a gente não tomar mais banho, existe a chance de conseguirmos impedir que o Sol nos mate. É porque enquanto tivermos água no nosso planeta, o Sol fica com medo de vir aqui e perder a batalha. Mas se a água acabar, já era. Vamos todos ser queimados. Tomara que o céu continue com água.

Para que o relato de Gisele fique mais claro, utilizo a definição de Manuel Sarmiento (2004, p. 16) sobre a “fantasia do real”.

O “mundo do faz de conta” faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas. No entanto, esta expressão “faz de conta” é algo inapropriada para referenciar o modo específico como as crianças transpõem o real imediato e o reconstróem criativamente pelo imaginário, seja importando situações e personagens fantasistas para

o seu cotidiano, seja interpretando de modo fantasista os eventos e situações que ocorrem. Na verdade, a dicotomia realidade-fantasia é demasiado frágil para denotar o processo de imbricação entre dois universos de referência, que nas culturas infantis efetivamente se encontra associados. Poderemos de resto, justamente, interrogar-nos sobre se essa imbricação não ocorre também no mundo dos adultos, isto é, se toda a interpretação não é sempre projeção do imaginário e se o “real” não é, afinal, o efeito da segmentação, transposição e recriação feita no ato de interpretação de acontecimentos e situações.

Durante os seis meses, as brincadeiras e as oficinas foram os momentos em que eu mais gostava de interagir com as crianças. Eram nessas atividades que aprendia um pouco mais sobre o universo infantil. Foi na brincadeira de quinze de fevereiro de dois mil e dezoito que as crianças me deixaram participar do ciclo de conversa delas. A partir desse dia eu ganhei a confiança delas e consegui saber mais sobre o que elas pensavam do bairro, da escola, da família, da igreja, da cidade, do estado, do país e do mundo. As análises que elas faziam, em um primeiro momento, complexas ao olhar adulto, foram sendo descortinadas conforme aumentava a ligação entre aluno e professor. Assuntos de cunho familiar e pessoal foram ganhando maiores espaço nas brincadeiras. As crianças projetavam soluções para as brigas dos seus pais, a falta de material escolar, os buracos nas ruas em que elas andavam de bicicleta, o descaso do serviço de transporte público. Havia, nessas brincadeiras, verdadeiras reuniões de atores que gostariam de mudar o espaço social em que viviam.

CONCLUSÕES

A política pública de reforço escolar para as crianças que frequentavam a entidade social “Biblioteca Comunitária Bem Viver” foi desenvolvida para combater a entrada de crianças no tráfico de drogas. O Bairro das

Nações não é o território que abriga os maiores grupos de traficantes na cidade de Balneário Camboriú, SC, mas tem como característica ser um espaço de intensa venda de drogas por crianças e adolescentes. Fui professor de uma criança que viu seu pai ser preso por vender drogas. Nos momentos em que conversávamos sobre o que ela desejava ser quando adulta, ela respondia: *“Tudo, professor, menos traficante”*. A “Biblioteca Comunitária Bem Viver” servia como um lugar de sonhos para as crianças que frequentavam aquele espaço. Um aluno disse certa vez que: *“A biblioteca é onde eu guardo meus sonhos, professor. Aqui eu posso ser tudo”*.

Diante do meu exercício como professor quis aprender um pouco mais sobre o mundo das crianças para conseguir, aos poucos, ser aceito nas rodas de conversas. O objetivo era me aproximar das crianças para entender melhor o que elas faziam no seu dia a dia. Algumas vezes escutava os relatos que deveriam ficar só entre o professor e o aluno. Outras, quando a confissão denotava algum tipo de risco à criança, informava a coordenadora para encaminhamentos aos devidos órgãos responsáveis, como o Centro de Referência da Assistência Social (CREAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

O exercício de aproximação com as crianças só foi possível na medida em que tive contato com os autores da Sociologia da Infância, além de Walter Benjamin e Florestan Fernandes, que despertaram um olhar mais poético sobre a infância. Foi a partir dos instrumentos metodológicos e teóricos desses autores que pude compreender o solo poroso dos discursos infantis. Isso porque as crianças possuem seu dicionário próprio, e o adulto, que já carrega os seus conceitos já definidos, tende a infantilizar o diálogo com as crianças quando não faz o movimento de colocar-se no lugar do interlocutor. Como bem disse Roger Bastide (2004, p. 195): *“Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança”*.

Nesse “tornar-se criança”, que os meninos e as meninas que estavam na “Biblioteca Comunitária Bem Viver” começaram a contar sobre as suas tarefas em casa. Quatro crianças falaram sobre o trabalho que elas desempenhavam nas suas casas: limpar o chão, lavar a roupa, cozinhar para os

irmãos mais novos. Duas crianças relataram dos negócios econômicos ilícitos dos pais durante os finais de semana: vendas de peças de carros oriundos de desmanche ilegal, vendas de drogas. Quando comentei sobre os relatos com a coordenadora do espaço, Dona Lias disse: “*Nossa! Professor. Por isso que essas crianças chegam com raiva e cansadas na segunda-feira*”.

Por fim, o intuito de percorrer os caminhos que os autores da Sociologia da Infância pavimentaram para os estudos na área da infância e entrelaçar as bases teóricas e metodológicas oferecidas pelos autores do campo para interpretar a fala das crianças contribuem na medida em que oferecem alternativas para compreender as angústias e os desejos das crianças. Foi por meio do entendimento que a criança é um ator social e a infância é uma construção social que consegui me aproximar das crianças e compreender suas angústias e seus desejos infantis. Além disso, a metodologia de escuta e de fala (O’KANE, 2005) contribuiu para uma relação de confiabilidade e reciprocidade entre o professor e o aluno. Essa ferramenta ajudou a desvelar o alfabeto particular das crianças.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Filo/Benjamin).

CERTAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1998.

CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. (org.). **Investigação com crianças**: perspectivas e práticas. Porto: Paula Frassinetti, 2005.

FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência com crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-508, maio/ago. 2005.

O'KANE, C. O desenvolvimento de técnicas participativas: facilitando os pontos de vista das crianças acerca de decisões que as afetam. *In*: CRISTENSEN, P.; JAMES, A. **Investigação com crianças**: perspectivas e práticas. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005, p. 143-169.

PROUT, A. Reconsiderar a nova Sociologia da infância. **Cad. de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010.

BASTIDES, R. As “trocinhas” do Bom Retiro (prefácio). *In*: FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 195-197.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação e Sociedade**. Dossiê: Sociologia da Infância – pesquisa com crianças. **CEDES**, Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto, PT: ASA, 2004. p. 9-34.

SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cad. de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

TOURAINÉ, A. **O retorno do ator**. Paris: Fayard, 1984.